

Eliane Cristine Raab Pires

As Inter-relações Turismo, Meio Ambiente e Cultura

70

Eliane Cristine Raab Pires

As Inter-relações Turismo, Meio Ambiente e Cultura

SÉRIE

Estudos

EDIÇÃO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

Título: As Inter-relações Turismo, Meio Ambiente e Cultura

Autor: Eliane Cristine Raab Pires

Edição: Instituto Politécnico de Bragança · 2004

Apartado 1038 · 5300-854 Bragança · Portugal

Tel. 273 331 570 · 273 303 200 · Fax 273 325 405 · <http://www.ipb.pt>

Execução: Serviços de Imagem do Instituto Politécnico de Bragança

(grafismo, Atilano Suarez; paginação, Luís Ribeiro;

montagem e impressão, António Cruz; acabamento, Isaura Magalhães)

Tiragem: 200 exemplares

Depósito legal nº 213477/04

ISBN 972-745-077-6

Aceite para publicação em 2001

Índice

Introdução	11
1 · Conceitos básicos do turismo	15
2 · Antecedentes históricos	17
2.1 · Dos primórdios ao século XVIII	17
2.2 · O turismo moderno (século XIX e início do século XX)	20
2.3 · O turismo contemporâneo - século XX (após 1945)	22
3 · A procura turística	25
3.1 · Definição e contextualização	26
3.2 · Motivação	27
3.3 · Interações turísticas	28
4 · Turismo e meio ambiente	31
4.1 · Impactos físicos do turismo	32
5 · Turismo e cultura	35
5.1 · Impactos culturais do turismo	37
6 · Turismo sustentável	41
Conclusão	45
Notas	49
Referências bibliográficas	51

As Inter-relações Turismo, Meio Ambiente e Cultura

Resumo

Diante de uma crescente preocupação com os impactos negativos no meio ambiente e nas comunidades locais, causados tanto pelo desenvolvimento de forma geral, quanto pela actual dimensão e características da actividade do turismo de forma particular, mostra-se mais do que urgente a necessidade de reflexões (e acções) que viabilizem a superação da actual problemática ambiental, que vem afectando, sobremaneira, a qualidade de vida humana em seu sentido mais amplo.

O presente estudo tem por finalidade subsidiar os alunos do curso de turismo com elementos de referência sobre a estreita ligação entre turismo, meio ambiente e cultura, favorecendo um melhor entendimento sobre a complexidade dessas relações estabelecidas e uma reflexão sobre o desafio contido na recente busca do turismo sustentável como forma preventiva e, até mesmo, correctiva de problemas ambientais.

Este trabalho é dividido, por questões didácticas, em três partes. A primeira parte, de carácter introdutório, tece algumas considerações sobre a significativa expansão do turismo convencional ou de massa como actividade de crescente inserção na vida das sociedades; os conceitos básicos e uma breve história desde os primórdios do turismo até aos nossos dias, subdividida em três períodos: das origens até ao século XVIII, o turismo moderno do século XIX e início do século XX, e o turismo contemporâneo do século XX (após 1945). A segunda parte descreve o papel que o turismo assume, especialmente como campo de acções humanas, oferecendo um rico e complexo *locus* de relações interpessoais e de relação das pessoas com lugares e com culturas, enfatizando, por

consequente, a possibilidade do desenvolvimento sustentável a partir da análise dos efeitos negativos da actividade turística. E, por fim, a conclusão que precipuamente visa expressar uma opinião pessoal decorrente de todo o trabalho de pesquisa, neste caso em particular, também conduz a um prognóstico factível e pragmático para o terceiro milénio.

Abstract

In view of a growing concern about the negative environmental impacts on the ecosystem and on the local communities, caused by the development of tourism in general sense, and by its present dimension and characteristics in a particular way, it is necessary to reflect and take actions enabling people to overcome the environmental issues that has been affecting, excessively, the quality of human life in its broader sense.

The purpose of the present study is to provide the students of the tourism course with references on the inter-relations of tourism with the environment and culture, a better understanding towards the complexity of these relationships as well as a reflection on the challenge in the recent search of a sustainable tourism as a preventive and, at the same time, corrective measure of the environmental problems.

This study is divided, for didactic reasons, into three parts. The first part, of introductory aspect, gives some general remarks on the significant expansion of the mass tourism as an activity of increasing insertion in the life of the societies; the basic concepts and a short history from the beginning of tourism to the present, subdivided into three periods: from the origins to the 18th century; modern tourism of the 19th century and the beginning of the 20th century; the contemporary tourism of the 20th century (after 1945). The second part focuses on the role of tourism, especially as a field of human actions, offering a rich and complex *locus* of interpersonal relations and the relation between people, places and cultures, emphasizing, therefore, the possibility of a sustainable development from the analysis of the negative effects of the tourist activity. And, finally, the conclusion which essentially aims to express a personal opinion as a result of the investigation in this particular case, also leads to a feasible and pragmatic prognostic for the third millennium.

Résumé

Devant la croissante préoccupation face aux impacts négatifs dans l'environnement et dans les communautés locales, causés autant par le développement en général, que par l'actuelle dimension et les caractéristiques de l'activité du tourisme en particulier, il se montre plus qu'urgent le besoin de réflexions (et d'actions) qui rendent possible le dépassement de l'actuelle problématique de l'environnement, qui affecte, affectant, excessivement, la qualité de vie humaine dans son sens large.

La présente étude a pour finalité de subventionner les élèves du cours de tourisme avec des éléments de référence sur l'étroite liaison entre le tourisme, l'environnement et la culture, en favorisant une meilleure compréhension de la complexité de ces relations établies et à une réflexion sur le défi contenu dans la récente recherche du tourisme soutenable comme une forme préventive et, voir même, corrective de problèmes d'environnement.

Ce travail est divisé, pour des questions didactiques, en trois parties. La première partie, à caractère introducteur, tisse quelques considérations sur la significative expansion du tourisme de masse comme activité d'insertion croissante dans la vie des sociétés ; les concepts basiques et une brève histoire depuis les débuts du tourisme jusqu'à nos jours, qui se divise elle-même en trois périodes: des origines jusqu'au XVIII siècle; le tourisme moderne du XIX siècle et le commencement du XX siècle; le tourisme contemporain du XX siècle (après 1945). La seconde partie décrit le rôle que le tourisme assume, surtout comme champ d'actions humaines, offrant un riche et complexe *locus* de relations inter-personnelles et de relations des personnes avec des lieux et la culture, en soulignant, par conséquent, la possibilité du développement soutenable à partir de l'analyse des effets négatifs de l'activité touristique. Et, finalement, la conclusion qui cherche principalement à exprimer un avis personnel lié à tout le travail de recherche, dans ce cas particulier, conduit aussi à un pronostic possible et pragmatique pour le troisième millénaire.

Introdução

Turismo – sensação mágica de viajar, de experimentar “algum lugar diferente do lar”, lazer, conhecer, ver novas culturas, novas terras, ver o não imaginado, sair do rotineiro, descobrir-se a si mesmo. Sair do dia a dia é reservar forças, é adquirir novas energias, é sentir que o mundo é grande, mas as descobertas, a tecnologia o fizeram pequeno.

A actividade turística, entendida não somente como actividade económica, mas como prática social complexa e multifacetada, implica essencialmente na deslocação de pessoas e na relação dessas pessoas entre si, com a comunidade e com o lugar visitado. Neste sentido, em meio a todos os fluxos de serviços inerentes ao turismo (viagens, transportes, hospedagem, gastronomia, publicidade etc.), não podemos desconsiderar a dimensão das relações humanas, que constituem o fazer turístico.

Parece razoável admitir que a actividade turística está inserida num universo mais amplo, o do lazer. O turismo, como lazer propriamente dito, é um fenómeno iniciado a partir da existência de um “tempo livre”, fruto das reivindicações da classe trabalhadora no século XIX por redução da jornada de trabalho e de férias remuneradas (De Masi, 2000: 53-62).

Importa referir que num mundo onde o ambiente virtual se tem sobreposto à realidade concreta, o turismo, além de representar

uma significativa expressão de lazer, também é um elemento que viabiliza a concretização de sonhos e as expectativas do homem contemporâneo.

O aumento do tempo de lazer, o crescimento das receitas, as mudanças demográficas, a complexidade das sociedades e o advento da urbanização levaram à vigorosa procura global pelo turismo.

As inovações tecnológicas alteraram as estruturas económicas, sociais e políticas, mudando igualmente as condições de vida das pessoas. O desenvolvimento das comunicações e do transporte internacional, em que este passou a proporcionar viagens aéreas baratas, coloca todo o planeta ao alcance do turista de hoje.

O intercâmbio entre países, com a tão propalada globalização, tem sido um incentivo para que o homem viaje por outras terras, como uma forma de enriquecimento intelectual, na medida em que a união comercial, o intercâmbio de docentes e estudantes entre universidades, e a requisição de técnicos para países menos desenvolvidos incentivam a aculturação e o acumular de bens culturais. Compreender os habitantes de lugares longínquos, onde os costumes mudam e a maneira de viver, inclusive a religião, é diversa, faz com que haja interpretação múltipla do desenvolvimento de um país.

Por representar uma alternativa a outras formas de desenvolvimento económico: pela geração de empregos, pela capacidade de gerar divisas e pelo poder de promover o crescimento regional, o turismo de massa ou convencional tornou-se elemento central na estratégia de desenvolvimento de muitos países.

Em muitos casos, contudo, o turismo não cumpriu tais expectativas. Algumas comunidades começaram a sofrer impactos negativos resultantes do turismo: descaracterização do estilo de vida local; perda na qualidade de vida de parte importante da população, com a degradação do ambiente por aumento de poluição; elevação dos preços locais a par da exportação dos lucros para fora da comunidade.

Actualmente, as questões de conservação estão na vanguarda da opinião pública. A deterioração das florestas tropicais, o risco das espécies em extinção, o aquecimento global e a crescente degradação do meio ambiente estimularam o apoio público à conservação. Não é fortuito que o interesse pelo turismo sustentável e a sua expansão tenham coincidido com essa preocupação mundial.

O turismo sustentável não deve ser visto apenas como um modelo adaptável ao ambiente natural mas, também, aos factores socioculturais e económicos, proporcionando uma vivência saudável ao indivíduo ou grupo sem danificar a integridade, a longo prazo, dos ambientes natural e cultural.

Desse modo, propugna-se o interesse mundial pelo turismo sustentável, propondo-se minimizar muitos dos problemas da nossa época, como o dilema entre satisfazer as necessidades humanas, tais como emprego, renda e desenvolvimento económico e, ao mesmo tempo, causar menor transtorno ambiental, procurando-se desenvol-

ver e aprofundar a consciência ecológica por meio do respeito pela Natureza.

O turismo sustentável é uma estratégia para mapear e direccionar novas abordagens para a interacção entre a humanidade e o meio ambiente no século XXI.

1 · Conceitos básicos do turismo

O conceito de turismo é uma matéria bastante controversa segundo os vários autores que tratam deste assunto. O turismo está relacionado com viagens, porém não são todas as viagens que são consideradas como turismo.

Se viagem é deslocamento, torna-se necessário então distinguir a viagem turística que não se enquadra no mesmo tipo do deslocamento primitivo; antigamente o homem deslocava-se à procura de um melhor local para viver e dos meios básicos de subsistência, fixando-se para morar. Viagem turística abrange o sentido de ida e volta, sem ligação com a forma de nomadismo primitivo.

A OMT - Organização Mundial do Turismo – define turismo como “o deslocamento para fora do local de residência por período superior a 24 horas e inferior a 60 dias motivado por razões não económicas” (Ignarra, 2000: 23). Para definir a real magnitude do turismo poder-se-ia conceituá-lo segundo vários autores, dos quais se destacam Schullard, Bormann e McIntosh.

O primeiro, Herman von Schullard, economista austríaco, conceituou o turismo como “a soma das operações, especialmente as de natureza económica, directamente relacionadas com a entrada, a permanência e o deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país, cidade ou região” (*Ibidem*, 2000: 23).

Artur Bormann, economista alemão da Escola de Berlim,

definiu turismo como “... o conjunto de viagens que tem por objectivo o prazer ou motivos comerciais, profissionais, ou outros análogos, durante os quais é temporária a ausência da residência habitual. As viagens realizadas para se deslocar ao local de trabalho não se constituem como turismo” (*Ibidem*, 2000 : 23).

De acordo com Robert McIntosh (1993) “Turismo pode ser definido como a ciência, a arte e a actividade de atrair e de transportar visitantes, alojá-los e de modo cortês satisfazer as suas necessidades e desejos”.

Segundo Barreto (1995: 9) “turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os económicos, que se manifestam na chegada, permanência e na saída dos turistas de uma determinada cidade, país ou estado”.

Para Beni (1998: 153) o turismo corresponde a “um conjunto de recursos naturais e culturais que, em sua essência, constituem a matéria-prima da actividade turística porque, na realidade, são esses recursos que provocam a afluência de turistas. A esse conjunto agrega-se os serviços produzidos para dar consistência ao seu consumo, os quais compõem os elementos que integram a oferta no seu sentido amplo, num estrutura de mercado”.

Como se vê pela diversidade das definições, o turismo é um fenómeno complexo. Quase todas as definições excluem do turismo as viagens desenvolvidas por motivos de negócios, de lucros. No entanto, essas viagens são responsáveis por grande parte da ocupação dos meios de transportes, dos hotéis, da estrutura de entretenimento, das locadoras de veículos, dos espaços de eventos. Todos esses elementos são considerados empreendimentos turísticos.

2 · Antecedentes históricos

2.1 · Dos primórdios ao século XVIII

O turismo, em termos históricos, teve início quando o homem deixou de ser sedentário e passou a viajar, principalmente pela necessidade de comércio com outros povos. É aceitável, portanto, admitir que o turismo de negócios antecedeu o turismo de lazer.

O hábito de viagens para outras localidades por inúmeros motivos é um fenómeno antigo na história da humanidade. Os primeiros relatos sobre viagens em massa dão conta do seu surgimento na Babilónia por volta de 4000 a. C., com a necessidade de expansão do império babilónico, do Mediterrâneo ao Golfo Pérsico, fomentada pela criação de estradas para a deslocação de tropas militares (Mill e Morrison, 1992: 2).

Sabe-se que 3000 a. C., o Egipto já era uma Meca para os viajantes que para lá afluíam para contemplar as pirâmides e outros monumentos.

Talvez tenham sido os fenícios aqueles que mais cedo praticaram o conceito moderno de viagem. Sendo a Fenícia uma região inóspita para o desenvolvimento da agricultura houve necessidade de se desenvolver o comércio internacional como instrumento de sobrevivência.

Na Grécia antiga, o hábito de viagens também foi dissemi-

nado. Existem registros de viagens organizadas para a participação em jogos olímpicos. Talvez date desta época o Turismo Desportivo. No século V a.C., Heródoto, um dos primeiros historiadores da humanidade, viajou pela Fenícia, Egito, Grécia e Mar Morto (Ignarra, 2000: 16).

Os romanos terão sido os primeiros a viajar por lazer. O Império Romano construiu muitas estradas o que foi determinante para que seus cidadãos viajassem longas distâncias. De Roma saíam contingentes importantes para o campo, o mar, as águas termais, os templos e os festivais. Surgia nessa época a hotelaria como elemento fundamental na viabilização do turismo (Ignarra, 2000: 16).

Nesse período eram usuais viagens dos romanos para as cidades do litoral, para banhos medicinais. A talassoterapia, portanto, data de cerca de 500 a. C.. Foram os primeiros SPAS (centros de tratamentos de saúde) registrados na história da humanidade.

Na China antiga também existem relatos de grandes viagens, como a de Chang Chien, no ano de 138 a.C., que chegou a visitar a Pérsia (Irão) e a Síria.

Com o fim do império romano as viagens sofreram um grande retrocesso. A partir da organização da sociedade em feudos auto-suficientes, as viagens tornaram-se uma grande aventura.

As exceções, nessa época, eram as cruzadas. Grandes expedições eram organizadas para visita aos centros religiosos da Europa e para libertar Jerusalém do domínio dos árabes. Talvez tenham sido estas viagens as precursoras do turismo de grupos.

Entre os séculos II e IV d.C. houve intensa peregrinação a Jerusalém, à igreja do Santo Sepulcro, construída em 326, pelo Imperador Constantino, o Grande. A partir do século VI, aproximadamente, registam-se peregrinações de Cristãos (romeiros) para Roma.

As viagens começaram a tornar-se mais seguras e a ampliarem-se após o ano 1000. Começaram a aparecer as grandes estradas por onde circulavam os comerciantes que transportavam suas mercadorias em animais de carga, carruagens puxadas a cavalo, peregrinos, mendigos trovadores, monges errantes e estudantes.

Com o fim da Idade Média e o advento do capitalismo comercial, verifica-se o incremento das viagens. A necessidade de ampliação do comércio implicou também a ampliação das rotas dos comerciantes. As viagens, que inicialmente eram apenas terrestres, passaram a incluir roteiros marítimos. Datam dessa época as grandes viagens de Marco Polo (1271), o veneziano que chegou a visitar a China. Antes de Marco Polo, em 1160, Benjamim de Tudela, um judeu residente em Zaragoza, viajou através da Europa, da Pérsia e da Índia (Ibidem, 2000: 18).

Os séculos XV e XVI foram marcados pelas grandes navegações, como a de Fernão de Magalhães, que deu a volta ao mundo.

No século XVII houve uma considerável melhoria nos transportes. As primeiras linhas regulares de diligências foram de

Frankfurt a Paris e de Londres a Oxford. Em 1669, uma viagem Oxford-Londres demorava um dia no verão e dois no inverno, e, no início do século XIX, uma carruagem podia fazer 200 milhas por dia. Devido à precariedade dos caminhos, a manutenção era feita, em alguns países, pelos donos da terra por onde o caminho passava, que cobravam pedágio. O primeiro destes foi instalado em Hertfordshire (Inglaterra), em 1663 (Barreto, 1995: 48).

Por volta de 1734, com o advento da Revolução Industrial e a Reforma Protestante, começa o Capitalismo Organizado. Nesta nova sociedade, o domínio trocou a força pela diplomacia. As relações passaram a ser mais humanistas. O turismo passou a ser educativo, com interesse cultural. É o período do “Turismo Neoclássico”, no qual a viagem era um aprendizado, complemento indispensável da educação.

Havia discussões entre os filósofos da época, sobre os benefícios e os malefícios das viagens de turismo. Mas, no meio deste debate, Lord Shaftesbury já visualizava o potencial económico do turismo e dizia que os jovens deviam visitar o continente e a Inglaterra devia ser visitada pelos povos do continente, pois era um novo tipo de comércio interessante.

Até então os turistas, quando tinham de “pousar”, faziam-no em casas particulares ou alugavam refúgio. As pousadas do caminho serviram para trocar os cavalos e para passar umas horas. Em 1774, David Low inaugura o primeiro hotel familiar, em Covent Garden, Inglaterra.

Nos séculos XVII e XVIII, a *Grand Tour*¹ foi muito difundida entre os aristocratas europeus, especialmente os ingleses, que viajavam pela Europa como finalidade de cultivar o espírito (Mill e Morrisson, 1992: 3).

Com o desenvolvimento dos transportes, veio a necessidade de tornar mais rápido o serviço postal. Em 1784, John Palmer introduziu a diligência para transporte rápido de correspondência e, juntamente com o correio, começou o transporte de passageiros e, consequentemente o turismo.

Na segunda metade do século XVIII, um vasto conjunto de transformações técnicas e económicas permitiram o arranque da Revolução Industrial na Inglaterra. A transformação dos modos de produção foi, de um modo geral, atribuída à invenção da máquina a vapor e a sua aplicação aos engenhos mecânicos das manufacturas têxteis e aos transportes. Este processo teve também profundas implicações sociais, políticas e culturais.

A paisagem também sofreu enormes transformações com o sistema fabril. As fábricas eram edifícios avantajados com altas chaminés, donde saía permanentemente fumo negro proveniente da combustão do carvão. Além disso eram extremamente ruidosas e seus desperdícios amontoavam-se sem critério – características que infelizmente ainda perduram nos nossos dias. É natural que, nessa altura, se comesse a falar pela primeira vez em poluição. Com efeito, uma

Inglaterra verde dava lugar a uma Inglaterra negra (*Ibidem*, 1992: 5).

Com o movimento do êxodo rural para as cidades e consequente aumento populacional nos centros urbanos, houve uma grande mudança na fisionomia das cidades. Os grandes centros populacionais reflectiam as grandes diferenças sociais. Com efeito, no seu interior viviam tanto aqueles que prosperavam na indústria e no comércio, como os que se sujeitavam às piores condições de trabalho. O dinamismo comercial e financeiro das grandes cidades fomentou o surgimento de uma classe social mais abastada com tempo e necessidade de “escapar”, mesmo por um breve período, ao *stress* causado pela vida na cidade. Os que têm tempo e dinheiro suficientes, vão para o estrangeiro. Ao princípio viajam em carruagens; por fim, e pelo menos para percursos importantes, utilizam os caminhos-de-ferro. Mutação que não deixa de exercer nos costumes uma acção profunda.

2.2 · O turismo moderno (século XIX e início do século XX)

O advento das ferrovias no século XIX propiciou deslocações a distâncias maiores em períodos de tempo menores. Com isso o turismo ganhou grande impulso.

Em 1830, a ferrovia Liverpool-Manchester, na Inglaterra, foi a primeira a preocupar-se mais com o passageiro do que com a carga. Começava a era da ferrovia, determinante para o desenvolvimento do turismo.

Em 1841, um pregador e vendedor de Bíblias, Thomas Cook, andara 15 milhas para um encontro de uma liga contra o alcoolismo em Leicester. Para um outro encontro, em Loughborough, alugou um comboio para transportar outros colegas. Juntou 570 pessoas, comprou e revendeu os bilhetes configurando a primeira viagem agenciada. Em 1846, realizou uma viagem similar de Londres a Glasgow (Escócia) com 800 pessoas usando os serviços de guias turísticos, iniciava-se o turismo coletivo, a “excursão organizada” que hoje leva o nome *All Inclusive Tour, package* ou pacote turístico (Ignarra, 2000: 18).

Cook trabalhou como operador, depois como agente de viagens. A sua verdadeira contribuição foi em oferecer um “pacote” único de férias, para a famosa Feira Industrial de Londres de 1851 – trazendo 165 mil excursionistas de Yorkshire e, em 1856, levou um grupo à Europa Continental.

Em 1865, Cook também fazia reservas de hotéis e editava um guia denominado: “Conselhos de Cook para excursionistas e turistas”; em 1866, ele realizou o primeiro *tour* pelos Estados Unidos; em 1867 instituiu o *voucher* (recibo de importância paga) hoteleiro; em 1869 viajou pela primeira vez, em grupo, ao Egito e à Terra Santa; em 1872, deu a volta ao mundo, também em grupo, demorando 222 dias. As ideias e aplicações de Thomas Cook marcaram a entrada do turismo na era industrial, no âmbito comercial. No campo social,

contribuiu para que as viagens se tornassem acessíveis para segmentos médios da população.

Os historiadores apontam também Thomas Bennett como um dos precursores do serviço de agenciamento turístico. Enquanto ele trabalhava na embaixada da Inglaterra na Noruega, organizou viagens para os ingleses que visitavam aquele país. Posteriormente, instalou uma empresa própria especializada em organização de viagens (*Ibidem*, 2000: 19).

As viagens marítimas também se desenvolveram bastante nesse período. Impulsionada pelo advento dos barcos a vapor, na segunda metade do século XVIII, a navegação passou a ser mais segura, mais rápida e com maior capacidade de carga e de passageiros. Assim, as viagens intercontinentais passaram a ser viáveis comercialmente e teve início um grande intercâmbio turístico, principalmente entre a Europa e os demais continentes.

O final do século XVIII e todo o século XIX foram marcados pelo prazer do descanso e da contemplação das paisagens da montanha. Este tipo de turismo terá cada vez mais adeptos como resultado da deterioração da qualidade de vida nos grandes centros urbano - industriais. No século XVIII, com pacificação da Europa, com mais segurança, as mulheres começaram então a viajar acompanhando os maridos.

Entre os múltiplos factores que contribuíram para o desenvolvimento do turismo no século XIX aparecem: segurança, salubridade e alfabetização crescente. A segurança foi propiciada pelo estabelecimento de polícia regular; a salubridade, pelo tratamento da água e a instalação de esgotos em várias cidades europeias, diminuindo o risco de cólera e tifo.

Grande importância teve também a reivindicação dos trabalhadores por mais tempo de lazer, para a auto-realização; lazer este que normalmente se traduziu em turismo praiano. Este movimento por recreação racional, na Inglaterra, teve grande apoio por representar uma alternativa aos *pubs* e à bebida. Com a mudança paulatina nos meios de transporte, a vida nas cidades, o trabalho nas fábricas, substituindo o trabalho doméstico, transformaram o turismo em fenómeno de massas.

A Primeira Guerra Mundial demonstrou a importância do automóvel e, como consequência, os anos entre 1920 e 1940 tornaram-se a era do automóvel e do transporte terrestre em geral. O desenvolvimento do automóvel permitiu a liberdade de viajar e levou ao surgimento do primeiro motel. Atracções e facilidades tornaram-se mais dispersas na medida em que as pessoas tinham liberdade de movimento ao usar o transporte público.

No período entre as duas grandes guerras mundiais, assiste-se à emergência da sociedade que hoje conhecemos por consumista e à era da recreação em massa. As férias remuneradas passaram a ser uma realidade para uma grande parte da população europeia, permitindo que outras classes sociais menos favorecidas economicamente

também comessem a viajar, e aspirassem a uma viagem de férias. Paralelamente, iniciou-se a implantação do sistema de crédito (Mill e Morrisson, 1992: 5).

Em 1929, foi instalado o primeiro *free shop*, no aeroporto de Amsterdão (Holanda), fornecendo mais um serviço ao turismo, que começou a comprar mercadorias isentas de impostos, barateando os preços dos produtos.

O surgimento do turismo moderno não foi um facto isolado; o turismo sempre esteve ligado ao modo de produção e ao desenvolvimento tecnológico. O primeiro, determina quem viaja, e o segundo, como fazê-lo.

O turismo convencional ou de massa², como é hoje conhecido, é um fenómeno do pós-guerra.

2.3 · O turismo contemporâneo - século XX (após 1945)

Entre 1939 e 1945, aconteceu a II Guerra Mundial, período em que o turismo parou. Durante esse conflito foi melhorada a eficiência do transporte aéreo e a partir de 1945, com a criação do IATA (International Air of Transport Association), que regulou o direito aéreo, o turismo então entrou na era do avião. A tecnologia da aviação é que deu o impulso definitivo para o desenvolvimento do turismo no que concerne a novas aeronaves, propiciando maior rapidez, autonomia e conforto ao longo das viagens.

Depois de 1945, a internacionalização da economia no mundo ocidental, por meio dos investimentos feitos pelos Estados Unidos da América na Europa arrasada pela guerra - através do Plano MARSHALL (plano de assistência económica anunciado pelo Secretário de Estado Norte Americano George Marshall, a 5 de Junho de 1947) - trouxe a formação de mercados de consumo de massa globais, fortalecendo uma série de actividades internacionais, dentre elas o sistema bancário e o turismo.

Em 1949 foi vendido o primeiro pacote aéreo e a partir de 1957, o turismo aéreo começou a ser preferido ao turismo de cruzeiro pelo tempo ganho na deslocação e pela introdução de tarifas turísticas económicas por avião.

A partir de 1960 surgiram as operadoras turísticas, que ofereciam pacotes partindo do norte da Europa, Escandinávia, Alemanha Ocidental e Reino Unido para a Costa Mediterrânica. Na Inglaterra, os pacotes também se originaram depois da II Guerra Mundial, cujos vôos regulares estavam reservados para missões oficiais.

Na segunda metade do século XX, a actividade turística expandiu-se pelo mundo inteiro. O número de agências de viagem aumentou em consequência do crescimento das companhias aéreas, que não tinham capacidade para colocar as suas próprias filiais e preferiam ceder a venda de passagens a retalhistas.

A hotelaria passou por uma notável modificação. Antigamente, os melhores hotéis ficavam nos centros das cidades, mas com o crescimento do turismo automotor, principalmente nos Estados Unidos da América, onde o turismo interno, sempre foi significativo, construíram-se hotéis com estacionamento, a princípio na beira das estradas. A falta de vagas levou as próprias companhias aéreas a investirem na área, como a Panam, que adquiriu a Cadeia Intercontinental (Hall, 1977: 5).

Os antigos hotéis, ou hospedarias, deixaram de ser atractivos para os turistas. Apareceram as primeiras escolas profissionais de hotelaria na Suíça e começaram as grandes cadeias de hotéis padronizados, impessoais com origem nos Estados Unidos da América (o *Holiday Inn* tem um padrão de mobília idêntico em quase todas as partes do mundo para que o hóspede, esteja onde estiver, saiba que está num hotel da cadeia). Ao mesmo tempo as pessoas deixaram de acreditar no poder curativo das águas termais e os SPAS precisaram mudar a sua natureza, oferecendo outros tipos de tratamento de saúde (emagrecimento e combate ao *stress*, entre outros).

Nos anos 70 do século passado começou a preocupação com o meio ambiente. Os americanos foram práticos: é preciso cuidar dos recursos naturais para que eles não deixem de dar lucro. Em outras partes, combateu-se a “poluição do turismo” e hoje, o turismo é uma das actividades que mais tenta preservar o meio ambiente.

A partir da segunda metade do século, também apareceram os órgãos de turismo encarregados da infra-estrutura organizacional e das estruturas legislativa e administrativa.

A satisfação que o novo consumidor busca pertence a um componente de hedonismo, de novas experiências e de auto-realização. A satisfação do consumidor deixou de ser genérica, padronizada e generalizada e passou a ser específica, segmentada e personalizada (Kotler, 1999: 186).

A tendência actual é a procura de serviços personalizados, de excelência, de cortesia e de detalhes. É o retorno ao hotel familiar, à pousada, em lugares isolados, utilizando antigos fortes, mosteiros e solares de séculos passados.

O alto grau de exigência é outro aspecto que influencia as novas satisfações, já que o consumidor está melhor informado, é mais culto e pode comparar com facilidade.

A sociedade pós-moderna exige, entre outras coisas, qualidade nos produtos que consome. O conceito de qualidade para o actual consumidor, passa pela influência do mundo globalizado, que atingiu a cultura e a economia entre outros sectores sociais, o que torna difícil definir “sociedade”. O que se tem na literatura é a chamada sociedade ocidental, aquela que tem o modelo da “civilização” europeia. Quase nada se fala das culturas orientais, que não estavam no contexto greco-romano, excepto o Japão que mesmo com as suas características próprias é analisado pelos padrões ocidentais.

3 · A procura turística

O turismo é um fenómeno da sociedade contemporânea que apresenta elevadas taxas de crescimento. Muitas são as causas desse comportamento. Entre elas pode-se citar o aumento da renda *per capita* da população dos países desenvolvidos, principalmente no pós-Segunda Guerra Mundial.

Observando-se quais são os países maiores emissores de turista do mundo, nota-se que são exactamente as nações mais ricas do planeta: Estados Unidos, Japão, Alemanha, França, Inglaterra, Itália, Espanha e Suíça (Ignarra, 2000: 33).

Outra causa importante desse crescimento relaciona-se com o desenvolvimento dos transportes, nomeadamente aéreo. Em poucas décadas o transporte aéreo intercontinental evoluiu dos modelos *Viscount*, que carregavam 50 passageiros, para os actuais *Airbus* mais velozes, mais económicos e com capacidade para 400 passageiros.

Também a evolução das comunicações tem influência ponderável na explicação desse fenómeno. A evolução tecnológica das comunicações tem dupla influência no crescimento da procura turística. Em primeiro lugar fez com que os consumidores passassem a tomar conhecimento de outras regiões, países e culturas despertando assim o desejo de viajar. As comunicações via satélite facilitam a transmissão destas informações. Com isso as TVs por cabo e a Internet colocam o mundo dentro da sala dos consumidores.

Outro efeito da evolução das comunicações é a redução dos

contactos pessoais. Cada vez mais os contactos serão desenvolvidos via Internet, videoconferência, fazendo que o papel dos escritórios virtuais cresça. As pessoas passarão a trabalhar em suas residências, reduzindo o número de contactos pessoais. Evidentemente, essa situação criará no homem moderno a busca por estes contactos interpessoais e o turismo se apresenta como grande mecanismo para satisfazer essa vontade.

Um factor explicativo do desenvolvimento turístico relaciona-se com o intenso processo de urbanização pelo qual passa a humanidade. O surgimento das grandes cidades, criando metrópoles com mais de um milhão de habitantes, acarretou um modo de vida mais estafante. O tempo despendido nos transportes urbanos, a poluição, a violência urbana levam seus habitantes a buscarem outros ambientes para a recuperação de suas energias. Este comportamento explica o desenvolvimento de ampla rede de serviços turísticos instalados num raio de 100 km em torno dos grandes centros urbanos.

Outro factor relaciona-se com o processo de globalização que não se restringe só à economia, abrangendo, também, outras esferas da actividade humana como a informação e a cultura. No que concerne à cultura, o processo de globalização é fortemente concretizado através do turismo, actividade que está alicerçada na interdependência da difusão e conservação da identidade dos povos, e que estará cada vez mais voltado para a compreensão de aspectos etnológicos, religiosos e a maneira de viver das pessoas.

De todos os factores, talvez o de maior importância seja o relacionado com o crescimento do tempo livre. Este fenómeno da sociedade moderna mostra elevadas taxas de crescimento.

Há cem anos a jornada semanal de trabalho era de 98 horas. De lá para cá ela foi sendo reduzida de forma acelerada. A jornada de 40 horas semanais predomina na maior parte do mundo e em muitos lugares já se atingiram jornadas de 30 horas semanais (*Ibidem*, 2000: 36).

Esse processo está longe de se esgotar. O desenvolvimento da automação, da robótica, da informática tem ampliado cada vez mais a produtividade e poupado a mão-de-obra. Consequência deste fenómeno o turismo cresce de forma acelerada.

3.1 · Definição e contextualização

Face aos objectivos pretendidos, faz-se necessária a delimitação do conceito utilizado no escopo deste trabalho. Para tanto será adoptada a definição de Mathieson e Wall (1982), segundo a qual, “a procura por turismo é o número total de pessoas que viajam, ou desejam viajar, para utilizar os equipamentos e serviços turísticos em locais outros que não o de sua residência ou trabalho”.

No âmbito desta pesquisa, evidenciaram-se características eminentemente humanistas da actividade turística, como o lazer, a questão cultural e o contacto com a Natureza. Esta ênfase, no entanto,

não é casual, pois na medida em que entroniza aspectos subjectivos, em maior ou menor escala, é possível depreender que há algo em comum nessas formas de actividade turística: a motivação.

3.2 · Motivação

O modo como se pode identificar formas e estilos particulares de turismo, para posterior classificação, desenvolve-se através da análise dos factores que motivam os turistas. “A motivação surge quando os indivíduos acham que determinadas actividades são possíveis produtoras de satisfação. Como as pessoas agem para satisfazer as suas necessidades, considera-se a motivação a força motriz máxima que comanda o comportamento do viajante” (Pyo *et al.*, 1989: 277).

A pesquisa sobre a motivação baseia-se nos antigos estudos de Dann (1981), que identificou os factores “empurrão” (*push*) e “puxão” (*pull*) como sendo fundamentais na motivação dos turistas. O factor empurrão é de carácter endógeno do indivíduo, enquanto o factor puxão origina-se a partir do local de destino. O primeiro estabelece o desejo pela viagem e o segundo justifica a escolha do destino (Bell e Etzel, 1985: 20-26).

Crompton (1979) aprimorou o modelo de Dann ao estratificar o carácter subjectivo em desejo do turista por satisfação e o desejo de quebra de rotina. Ele identificou nove motivos na determinação dos factores que resultam na viagem do turista: O factor empurrão envolve motivos relacionados com a condição social e psicológica da pessoa, enquanto factor puxão, por outro lado, envolve “motivos suscitados pelo destino e que não emergem exclusivamente a partir do próprio viajante” (Crompton, 1990: 410).

Ele identificou sete motivos principais relativos ao factor empurrão e dois relativos ao factor puxão:

Motivos relativos ao factor empurrão:

- fuga do ambiente mundano perceptível;
- investigação e avaliação do Eu;
- relaxamento;
- prestígio;
- regressão;
- intensificação dos relacionamentos afins;
- viabilização da interacção social.

Motivos relacionados ao factor puxão:

- novidade;
- educação.

Crompton concebeu estes motivos como se estivessem localizados ao longo de uma série contínua de desequilíbrios. Quando

o desequilíbrio surge devido à sensação de descontentamento com um ou mais dos factores empurrão, pode ser corrigido com a quebra de rotina, que restaura a homeóstase (equilíbrio) – isto é, com a viagem. Para o autor, o local de destino restringe-se a um meio pelo qual os motivos são satisfeitos.

Os factores empurrão estão bastante relacionados com a hierarquia de necessidades desenvolvida por Maslow. Para este autor, a realização é a principal força motriz da personalidade humana, mas, antes de se efectivar, a personalidade pode ser importunada por motivações básicas, como a fome ou a necessidade de protecção e segurança (para citar algumas delas), que devem ser satisfeitas prioritariamente. Da mesma forma ocorre com as demais necessidades, ou seja, à medida que satisfaz um grupo de necessidades é facultado o surgimento das necessidades do grupo seguinte. Maslow classificou-as sequencialmente em cinco níveis:

- 1º *fisiológico* – fome, sede, protecção, sexo etc.;
- 2º *segurança* – protecção contra danos físicos e emocionais;
- 3º *social* – afeição, sociabilização, aceitação, amizade.;
- 4º *estima* – tanto interna (auto-respeito, autonomia, realização), quanto externa (status, reconhecimento, atenção);
- 5º *Realização pessoal* (Mill e Morrisson, 1992: 19).

A segmentação da motivação dos turistas é essencial para os administradores turísticos. O reduzido número de turistas, a probabilidade de impactos reduzidos sobre o meio ambiente e o interesse pela componente educacional auxiliam a redefinir e a moldar papéis e regras para o desenvolvimento sustentável, segundo as necessidades dessa área, resultando em níveis mais elevados de satisfação.

3.3 · Interacções turísticas

As interacções sociais entre turistas podem assumir a forma de interacção entre turista e respectivo grupo afim, entre turista e turista ou entre turista e receptor. A primeira dessas interacções, isto é, turista e grupo afim, tem uma grande influência na escolha do local de destino. De acordo com Dann e Crompton, os grupos sociais exercem quatro tipos de influência nessa escolha:

- persuasão directa para visitar determinado destino;
- influência normativa na opinião do viajante sobre o destino;
- socialização de longo prazo, levando a um saber convencional a respeito do destino;
- membros do grupo social que vivem nas áreas de destino (in Crompton, 1981).

A próxima fase importante de interacção social é a que acontece no próprio local de destino. Para todas as pessoas, a interacção social é essencial: “ há muito tempo reconheceu-se que a natureza interactiva dos grupos sociais exerce uma forte influência sobre o comportamento dos indivíduos” (Crompton, 1981: 551). No caso de turistas convencionais, a maior parte da interacção social acontece entre os próprios membros do grupo de turistas. No turismo ecológico, entretanto – que envolve um grupo reduzido de pessoas e cuja ênfase recai nos atributos do local de destino -, a interacção dá-se sobretudo entre esse tipo de turista e a população local.

4 · Turismo e meio ambiente

O prefixo *eco* – da palavra “ecologia”, que é derivado do grego *oikos*, significa lar ou *hábitat*. O meio ambiente que nós habitamos é, em sua máxima essência, o nosso lar, a nossa morada, o nosso sustento (Szlak, 2001: xvii).

Ao contrário da palavra “ecologia”, turismo significa viajar para longe da nossa origem, dos nossos lares, para moradas que não são as nossas, mas que foram construídas especificamente para nós, turistas. O mundo é um palco, e nós implacavelmente procuramos satisfazer nosso desejo, avançando através do globo para experimentar esses “outros” – culturas, natureza, panoramas, sons e cheiros –, para ver cenários incomuns, para explorar o desconhecido, o estranho, o “mágico” – o não aqui” (*Ibidem*, 2001: xviii).

O turismo tem vindo a afirmar-se e, actualmente, apresenta um dos maiores índices de crescimento na economia mundial. Para melhor compreensão de tal processo de expansão do turismo, particularmente em relação ao meio ambiente³, a autora Ruschmann (2000: 63) destaca quatro fases existentes, ao longo da história. A fase pioneira ocorreu no século XVII, denominada de fase do “relacionamento” e dos primeiros equipamentos turísticos. Foi caracterizada pela descoberta da Natureza e de suas comunidades receptoras.

A segunda fase destacou-se pelo “turismo dirigido”, ao longo do século XIX e início do século XX. Nesse período (*Belle Époque*), pouca preocupação existia em relação à preservação

ambiental, sendo que a intensificação da procura acabou por estimular as construções e o crescimento imobiliário, os quais, hoje, caracterizam os centros turísticos antigos da Europa.

A partir de 1950 surge a terceira fase – o turismo de massa, tendo seu apogeu no decorrer das décadas de 1970 e 1980. Em termos de protecção ambiental foi catastrófico, pois houve um domínio brutal do turismo sobre a natureza e as comunidades receptoras⁴.

No entanto, em meados da década de 1970, a qualidade ambiental começa a constituir um elemento importante e o turismo passa a considerar os problemas do meio ambiente.

4.1 · Impactos físicos do turismo

Embora a actividade turística passe por uma grande euforia, frente às possibilidades de grandes lucros, e tenha importantes efeitos económicos sobre alguns países em todo o mundo, os impactos negativos da actividade, no que concerne aos efeitos ambientais parecem prevalecer: impactos económicos, socioculturais e ambientais indesejáveis são aspectos amplamente discutidos com a finalidade de não só requisitar técnicos e pesquisadores no sentido de buscar alternativas para um melhor planeamento e gestão desses fenómenos, bem como minimizá-los, preveni-los ou mesmo resolvê-los.

É facto que, em relação ao meio ambiente, às culturas e às economias das áreas receptoras, o turismo tem acarretado benefícios como: a adopção de infra-estruturas de saneamento ambiental; o melhoramento das vias de acesso, criando e ampliando as redes de transportes; a implementação de medidas de conservação dos recursos naturais; o restauro e a reabilitação de edifícios e lugares de valor histórico e a (re) valorização de costumes e tradições (OMT, 2001). A geração de emprego e renda, a diversificação da economia regional e local e as possibilidades de minimização de fluxos migratórios do campo para a cidade são outros impactos positivos do turismo em áreas de atractivos naturais.

Por outro lado, também é possível constatar que as áreas receptoras do turismo de massa vêm sofrendo graves problemas de ordem socioambiental. Em relação àqueles provocados sobre o meio ambiente natural, podem-se apontar: a compactação do solo e processos erosivos diversos; a fuga da fauna silvestre; a exposição das raízes às pragas; a poluição provocada pelo despejo dos hotéis, pousadas e embarcações turísticas; os incêndios provocados por fogueiras de acampamento; a poluição sonora e atmosférica, pela presença de automóveis; os desvios de cursos dos rios; a introdução de espécies exógenas; as modificações do relevo local e muitos outros (OMT, 2001).

Ainda, em relação ao meio físico, incidem impactos sobre sítios arqueológicos, obras de arte e construções históricas. Os *resorts*⁵ turísticos produzem poluição arquitectónica e geram impactos estéticos e paisagísticos.

Nas cidades turísticas pequenas observam-se problemas decorrentes do uso de automóveis e de autocarros turísticos, degradando as obras arquitectónicas e artísticas, devido ao excesso de vibrações e poluição, congestionando o trânsito, provocando *stress* nos moradores, deteriorando a qualidade dos habitantes e visitantes.

A visão das grandes massas de água, a possibilidade de banhar-se nessas massas, constitui-se em forte atractivo para os turistas, que se concentram nas suas margens. O turismo procura sempre a água, quer seja ela de mar, de rio, de lago, de represa ou de cachoeira. Assim, há uma tendência de concentração de hotéis, de residências, de restaurantes, de estruturas náuticas à beira de mar, rios, lagos ou represas. Essa concentração, além de interferir na paisagem local, provoca outros impactos tais como a concentração de despejo de esgotos em determinadas localidades (Ignarra, 2000; 114).

Em algumas localidades turísticas a concentração de serviços turísticos é tão grande que chega a influir no microclima local. Em muitas cidades turísticas do litoral há um verdadeiro muro de prédios à beira-mar, interferindo na circulação da brisa marítima e fazendo sombra na própria praia (*Ibidem*, 2000: 114).

Também as concentrações turísticas em localidades sem um saneamento básico adequado provocam problemas na utilização das praias. O despejo de esgotos no mar ou nos rios faz com que a qualidade da água se torne inadequada para o banho, podendo provocar inúmeras doenças de pele e outras. Evidentemente o prejuízo não é só para a qualidade do produto turístico⁶. A falta de saneamento provocará impactos na fauna local.

A procura por locais de melhor apreciação da paisagem faz com que o turismo procure implantar estruturas de serviços em locais de certa fragilidade. Os hotéis e as residências procuram as encostas dos morros para serem implantados, buscando valorizar a paisagem. Com isso há um desflorestamento que facilita o desmoronamento dessas encostas em grandes períodos de chuvas.

A pesca recreativa intensiva e fora dos períodos ideais pode provocar desequilíbrio na cadeia reprodutiva dos peixes. O excesso de lixo largado pelos turistas pode provocar poluição das águas e trazer doenças para os animais.

Estes e outros impactos ambientais do turismo tornaram-se motivo de preocupação para a pesquisa, o planeamento e a gestão do turismo, que passaram a defender um modelo de desenvolvimento turístico sustentável.

O desenvolvimento sustentável⁷ representa um novo direccionamento do turismo e, conseqüentemente, um grande desafio para os órgãos responsáveis pela preservação ambiental e pelo turismo nos países com recursos naturais consideráveis. A sua ênfase tem sido maior nos países em desenvolvimento. Nestes, a actividade turística é intensa e normalmente o turismo possui uma importância mais representativa para aquelas economias (Szlak, 2001: 213).

O turismo tem nos atractivos o principal componente do

produto (Kotler, 1999: 187). Assim é de interesse do turismo que esses atractivos sejam preservados em seu estado natural. Desse ponto de vista, o turismo sustentável é uma importante alternativa para que as reservas naturais sejam preservadas.

5 · Turismo e cultura

Para o enquadramento deste estudo, será adoptada uma das acepções relativas à relação entre turismo e cultura apresentadas por Ashworth (1995), que preconiza a percepção do turismo intrinsecamente associada ao “sentido do lugar” (atmosfera, gastronomia, folclore, exotismo, etc.). Trata-se de uma concepção mais abrangente, na medida em que agrega ao conceito de cultura toda espécie de manifestações e costumes, assim como reconhece as particularidades dessas expressões. A partir do exposto, ao se analisar esta relação no seu limite, é possível inferir que todo turismo é cultura, pois toda deslocação de pessoas, para um lugar distinto da sua residência, proporciona o acesso a novas experiências, encontros e conhecimentos. Não obstante a origem do turismo dissociada da cultura, nomeadamente no que concerne à prática por grupos sociais específicos, é facto que as interacções entre eles são cada vez mais claras e consistentes. Esta convergência entre turismo e cultura deve-se a “culturalização da sociedade” e a “culturalização das práticas turísticas”, fenómenos que conjugados deram origem à “cultura do turismo”.

A OMT (1985), ciente da forte interacção entre turismo e cultura, propõe duas definições, uma mais ampla e outra mais restrita, sobre o turismo cultural. A mais ampla define turismo cultural como “...toda a viagem que pela sua natureza satisfaz a necessidade de diversidade, de ampliação de conhecimento, que todo o ser humano

traz em si”. A mais restrita compreende a “viagem por motivos unicamente culturais ou educativos”.

Turismo cultural pode também ser definido como “...o reencontro entre duas lógicas. Uma que desenvolve as capacidades de acolhimento e estadia, a outra que valoriza os conteúdos, a aprendizagem do lugar natural, do património e dos homens” (Pelletier, 1991). Esta concepção é igualmente partilhada por Pedrosa (1997) para quem o turismo cultural une “...a ideia de viajar e visitar a um acto de conhecimento que nos é proporcionado pelo encontro directo e pessoal com diversas expressões de cultura de um povo ou país”. Craik (1997) reforça a simultaneidade da viagem e da cultura explicitando que o turismo cultural consiste em “...excursões frequentes a outras culturas e lugares para aprender acerca dos povos, estilos de vida, património e artes, representantes genuínos dessas cultura e dos seus contextos históricos”.

O turismo cultural engloba todos os aspectos das viagens pelos quais o turista conhece a vida e o pensamento da comunidade receptora ou local. Por isso, o turismo se apresenta como uma ferramenta importante para promover as relações culturais e a cooperação internacional. De outro lado, estimular factores culturais dentro de uma localidade é um meio de fomentar a atracção de visitantes. O turismo pode ser estimulado não só como meio de conhecimento, mas também como forma de transmitir ao visitante uma imagem favorável.

O turismo cultural compreende uma infinidade de aspectos, com amplas possibilidades de exploração rentável para a atracção de visitantes:

- a) A arte é um dos elementos que mais atraem os turistas. A pintura, a escultura, as artes gráficas e a arquitectura são elementos procurados pelos turistas; deste modo, os museus constituem-se nos primeiros atractivos a serem procurados pelos visitantes em uma localidade;
- b) A música e a dança, são elementos muito valorizados pelos turistas;
- c) A gastronomia típica através de restaurantes representativos da culinária tradicional local;
- d) O folclore manifestado através de danças, espectáculos teatrais, desfiles, etc;
- e) O artesanato expresso sob a forma de lembranças típicas dos locais e produtos diferenciados e exóticos;
- f) A arquitectura tradicional local aliada ao conforto necessário ao turista;
- g) O património arquitectónico observado por meio de edifícios históricos, museus, pousadas, centros culturais, centros de eventos, restaurantes, centros comerciais e outras construções que mantenham as características originais;

- h) As igrejas, os ritos religiosos, as procissões e as festas religiosas;
- i) A agricultura tradicional da região também pode se transformar em atractivo cultural. A paisagem rural, a forma de se tratar a terra, o modo de vida rural são fortes atractivos, nomeadamente para aqueles que vivem em grandes centros urbanos;
- j) O desenvolvimento científico de uma região também pode se transformar em atractivo cultural. O Centro Espacial do Cabo Canaveral é um exemplo de centro científico que atrai fluxos de turistas.

Os aspectos culturais são, portanto, um forte impulso para o desenvolvimento e manutenção da actividade turística. Contudo, a forma, os motivos e o destino turístico que se deseja conhecer podem eventualmente produzir impactos nem sempre desejáveis.

5.1 · Impactos culturais do turismo

O turismo envolve um processo interactivo entre o hospedeiro (tanto humano quanto ambiental) e o visitante, e, assim, “...a cultura da sociedade hospedeira corre tanto risco quanto o ambiente físico diante das diversas formas de turismo” (Szlak, 2001: 123).

As comunidades locais são significativamente vulneráveis aos potenciais impactos socioculturais da actividade turística, nomeadamente no que concerne à assimilação do modo de vida ocidental, com uma provável e consequente extinção das manifestações culturais locais.

Em muitos casos, os turistas percebem as culturas indígenas e as comunidades locais como “produtos” da experiência turística, que existem para ser “consumidos” juntamente com os demais elementos da sua viagem. Por isso, as culturas indígenas são largamente utilizadas para promover locais turísticos em mercados estrangeiros, não obstante as oportunidades de interacção com essas culturas e seu estilo de vida sejam restritas.

A partir dessa inter-relação entre a cultura local e o turismo, foi desenvolvido em muitas comunidades o que parece ser uma manifestação cultural “autêntica”, mas que, na realidade, é um evento encenado especialmente para o consumo turístico. Esse fenómeno é produzido com o objectivo estratégico da satisfação da necessidade do turista de um lado, enquanto por outro lado permite a manutenção dos verdadeiros rituais culturais. Esse é o lado positivo (da perspectiva da cultura indígena) da mercantilização do turismo, já que, em muitos casos, é o interesse pelas culturas locais que ajuda a sustentar, e até mesmo recuperar, as práticas culturais tradicionais (*Ibidem*, 2001:

123). No entanto, a mercantilização da cultura pode provocar impactos negativos expressivos. Nos últimos 20 anos, por exemplo, grande parte da cultura indígena *sami* (Ártico) foi apresentada por quem não tinha como objectivo a conservação da herança tradicional desse povo. Isso provocou a manifesta comercialização dessa cultura, com a promoção de uma “falsa cultura” e o desvio dos benefícios económicos dos grupos tradicionais *sami* para os envolvidos na prestação de serviços (*Ibidem*, 2001: 124).

O turismo pode também causar efeitos negativos nas manifestações culturais tradicionais como o folclore. O desfile de carnaval é um exemplo de como a procura pode alterar essas tradições. Em nome de uma melhor visibilidade, o desfile tem vindo a alterar-se para ser visto de arquibancadas ou para ficar mais plasticamente apresentável na televisão, com algumas apresentações fora de época, para atender a procura turística. Assim, o turismo cultural pode incentivar manifestações culturais que ultrapassam o quotidiano, não se restringindo à produção turística de manifestações ditas culturais. Há que ter em consideração que o visitante não quer se limitar ao contacto com um *show* folclórico especialmente produzido para ele, buscando expandir a sua experiência através da convivência do dia a dia do povo local. Um turista que seja agricultor vai querer conhecer como é a agricultura local. Um médico vai querer conhecer como são os hospitais locais, e assim por diante.

Um outro impacto cultural que pode ser observado em decorrência da ampliação da actividade turística, diz respeito ao artesanato. Este impacto é também caracterizado pela coexistência de uma realidade dualista, onde a expansão da procura e consequentemente dos proveitos, é atendida por meios de produção mais eficientes – produção em massa. No entanto, a qualidade fundamental do artesanato está exactamente na utilização dos métodos tradicionais de produção (Ignarra, 2000: 122).

A arquitectura tradicional local também pode se transformar a partir de uma procura turística, na medida em que este busca se hospedar em uma edificação típica do local visitado, sem prescindir do conforto com o qual está habituado em sua casa. Este processo, entretanto, deve ser orientado para que as características e condições de conservação histórica sejam privilegiadas, em detrimento da modernização.

Por fim, o impacto do turismo pode ocorrer no modo de vida da comunidade receptora ou local, quando o modo de viver vai se modificando para atender a procura turística. As comunidades do litoral, antes voltadas para a pesca tradicional com todos os hábitos culturais derivados deste modo de vida (artesanato de produção de redes, gastronomia voltada para os peixes, festas religiosas relacionadas com os períodos de pesca), com o advento do turismo, substituem essas actividades tradicionais, para se dedicar a actividades tais como as de caseiros, de empregadas domésticas, de barqueiros para passeios turísticos, etc. A procura turística costuma vir acompanhada de uma

grande especulação imobiliária, que se sobrepõe ao espaço físico da comunidade receptora. (*Ibidem*, 2000: 123).

De facto, o turismo não planeado em relação à saúde do ambiente e à qualidade de vida das populações locais implica em:

- a perda dos costumes, das tradições e da auto-estima dos moradores locais;
- a prostituição e o consumo de drogas;
- a perda dos atractivos naturais;
- o aumento da pobreza e da criminalidade;
- a deterioração do património histórico-cultural e de locais de moradia, devido ao encarecimento dos terrenos, entre outras.

Na actualidade, quando o processo de globalização atinge todas as actividades humanas, a valorização da cultura típica surge como uma forma de diferenciação, aspecto este fundamental na qualidade do produto turístico. Os atractivos turísticos, entendidos como legados culturais, mantêm os elos de continuidade e identidade de um povo. Conta parte de sua história, aviva a memória colectiva e as tradições comuns, condições importantes para a elevação da auto-estima das comunidades locais e motivo para a conservação do atractivo para as gerações futuras.

Com o surgimento do turismo sustentável, o relacionamento entre as comunidades locais e o desenvolvimento do turismo tem apresentado uma grande mudança. Antes do reconhecimento de uma política sustentável, promovia-se o desenvolvimento sem o planeamento e respectivas previsões de impactos ambientais e socioculturais, pelos órgãos de desenvolvimento. Mesmo agora, contudo, as necessidades e os interesses dos residentes locais com frequência não são ouvidos, mas por meio do turismo sustentável é possível obter vantagens económicas e benefícios comuns aos agentes envolvidos - a população local, o sector privado e o governo.

A interdependência do turismo e do ambiente físico e cultural é fundamental para o futuro de cada um deles, e é essencial a busca de um modo de acomodar as necessidades de todas as partes, sem que o controle seja externo àqueles que sofrem seus efeitos mais directamente. As características do ambiente natural, cultural e das comunidades receptoras são os alicerces de uma indústria bem sucedida. A negligência, em relação às questões de conservação e qualidade de vida, ameaça a própria base das populações locais e a indústria turística viável e sustentada.

6 · Turismo sustentável

O turismo sustentável não deve ser visto como uma estrutura rígida e limitada ao ambiente. Pelo contrário, deve ser considerado como um modelo adaptável e global, que inclui também factores socioculturais e económicos. O planeamento deste tipo de turismo pode minimizar os efeitos negativos da actividade turística, e dessa forma pode despertar a intenção por parte dos turistas de retornar ao centro turístico, o que corresponde a um importante indicador do sucesso de um destino.

Segundo Sancho (2001), “o desenvolvimento do turismo sustentável supre as necessidades dos turistas actuais e as regiões hospedeiras enquanto protege e eleva as oportunidades para o futuro. É contemplado como meio de atingir a administração de todos os recursos de modo que as necessidades económicas, sociais e estéticas sejam cumpridas, enquanto mantêm integridade cultural, processos ecológicos essenciais, diversidade biológica e sistemas de apoio à vida”.

Conforme Rose (2002: 51) “... a sustentabilidade turística corresponde à conjunção de três factores: a sustentabilidade ecológica, cujo objectivo é assegurar que o desenvolvimento seja compatível com a manutenção do processo ecológico; a sustentabilidade sociocultural, a qual deve assegurar que o desenvolvimento é compatível com a cultura e valores da comunidade; e, por fim, a sustentabilidade económica, que busca um desenvolvimento econo-

micamente eficiente e com recursos geridos de maneira que possam manter gerações futuras”.

Na definição da OMT (Sancho, 2001) o turismo sustentável corresponde a um modelo de desenvolvimento económico projectado para melhorar a qualidade de vida da população local, das pessoas que vivem e trabalham no local turístico, manter a qualidade do meio ambiente da qual depende a população local e os visitantes, aumentar os níveis de rentabilidade económica da actividade turística para os residentes locais, assegurar a obtenção de lucros pelos empresários e prover experiência de melhor qualidade para o visitante. Mas, para que este modelo seja desenvolvido com sucesso é necessário que haja planeamento turístico voltado para melhoria da qualidade de vida dos residentes e para proteger o entorno local, natural e cultural. No processo de planeamento, os princípios do desenvolvimento sustentável, estabelecidos na Conferência realizada no Canadá em 1990, podem ser utilizados como suporte ao direccionamento das políticas locais, tais como:

- a) O planeamento do turismo e o seu desenvolvimento devem ser parte das estratégias do desenvolvimento sustentável de uma região, estado ou nação. Esse planeamento deve envolver a população local, o governo, as agências de turismo, etc. para que consiga os maiores lucros possíveis;
- b) Agências, associações, grupos e indivíduos devem seguir princípios éticos que respeitem a cultura e o meio ambiente da área, da economia e do modo tradicional de vida, do comportamento da comunidade e dos princípios políticos;
- c) O turismo deve distribuir os lucros de forma equitativa entre os promotores de turismo e a população local;
- d) É essencial ter boa informação, pesquisa e comunicação da natureza do turismo, especialmente para os moradores do local, dando prioridade a um desenvolvimento duradouro, que envolva a realização de uma análise contínua e um controle de qualidade sobre os efeitos do turismo;
- e) A população deve se envolver no planeamento e no desenvolvimento dos planos locais junto com o governo, os empresários e outros interessados.

Considerando que o desenvolvimento de qualquer actividade turística requer de forma inevitável a utilização de recursos, para proporcionar o equilíbrio desejado e a sustentabilidade, é preciso o estabelecimento de limites de utilização, fazendo com que os turistas e operadores de turismo se comportem dentro de tais limites.

A identificação da capacidade de carga do meio ambiente é fundamental para o desenvolvimento sustentável. Para Rose (2002: 53) “... a capacidade de carga do meio ambiente refere-se à quantidade máxima que um determinado atractivo pode suportar (por dia/mês/ano) sem que ocorram alterações no meio ambiente físico e social,

tampouco na satisfação do turista”. A capacidade de carga no turismo engloba outros conceitos, como: “capacidade de carga ecológica, que se define como o número máximo de visitantes que um lugar pode receber; a capacidade de carga social, a qual faz referência ao nível máximo de actividade turística que, se superado, produzirá uma mudança negativa na população local; capacidade de carga do turista, entendida como o nível máximo que garante a satisfação do turista; e capacidade de carga económica, que faz referência ao nível de actividade económica compatível com o equilíbrio entre os benefícios económicos que proporciona o turismo e os impactos negativos que a actividade turística gera sobre as economias locais (inflação, manutenção das estruturas, etc.)” (Grifos do autor) OMT (Sancho, 2001).

No entanto, a delimitação da capacidade de carga local não é determinação bastante; é preciso também o investimento na adopção de acções preventivas, através da utilização preferencial de recursos renováveis, de maneira que se possa reduzir a consumpção dos recursos não renováveis. O turismo sustentável depende da forma como os turistas e operadores de turismo realmente se comportam, em relação à utilização dos recursos naturais.

Conclusão

Nos anos de 1990, o turismo de massa tornou-se o primeiro sector da economia mundial, apesar da profunda transformação ocorrida nos gostos e hábitos de consumo da população (Rodrigues, 1999: 17). Em geral, o tempo livre cresceu, já que a população ociosa aumentou significativamente como consequência da maior expectativa de vida, da redução da idade da reforma e da incorporação mais tardia dos jovens ao mercado de trabalho, mas também porque cresceu o número de pessoas dispostas a desfrutar de mais horas livres em busca de uma melhor qualidade de vida (De Masi, 2001: 114).

As pessoas começaram a perceber porque a adequada integração entre os momentos de trabalho e lazer virou requisito à sobrevivência nas cidades. O ritmo de trabalho e a quantidade de informações multiplicaram-se com as recentes tecnologias, exigindo adaptações de cunho pessoal aparentemente incompatíveis com o modo de produção e consumo da sociedade no século XX e neste início de século XXI.

Diante do contexto acima exposto, anuncia-se o surgimento de novas exigências, em razão da necessidade de novas satisfações e de novos produtos de consumo. Os espaços naturais aparecem como antídoto ao *stress* causado pela vida na cidade, pois são tidos como lugares de regeneração física e espiritual. Os produtos turísticos disponíveis, actualmente, estão relacionados com a realização de actividades que contrastam com o trabalho diário e com a vida

quotidiana. São actividades como o contacto com a Natureza, com o património cultural, a aventura, a descoberta, as relações interpessoais, o descanso, a leitura, a gastronomia etc.. Além disso, importa referir que esses produtos passaram a ser concebidos de forma quase personalizada, adequando-se à procura individual, tomando a forma de “solução turística” em detrimento ao tradicional produto turístico. Esse conceito de solução tem a finalidade de reduzir a conotação de estandardização intrínseca ao termo produto, adaptando-se melhor à realidade vigente.

Nos dias actuais, os principais fluxos de tráfego internacional estão altamente concentrados na Europa Ocidental e na América do Norte. Observa-se, porém, nítida tendência para o deslocamento do turismo internacional para outras áreas do globo. A saturação do turismo nas Ilhas Baleares e nas Canárias está acentuando o deslocamento de fluxos para os países do norte da África – Marrocos, Argélia, Tunísia – como extensão do Mediterrâneo europeu (Rodrigues, 1999: 18).

Países em desenvolvimento vêm sendo assediados por expressivo número de turistas em busca do desfrute de suas paisagens naturais. As extraordinárias belezas paisagísticas de muitos desses países, associadas à emergência de um consciência ambiental mundial e ao agravamento da qualidade do ambiente das grandes cidades, vêm levando as pessoas, na última década, a deslocarem-se para áreas naturais que possibilitem actividades de carácter diversificado: desporto, aventura, contemplação, observação e outras. Como exemplos: Brasil (América do Sul), as ilhas do Caribe (Margarita, Aruba e Curaçao) na América Central, as ilhas exóticas do arquipélago das Seychelles (Oceano Índico) e o Taiti (Polinésia Francesa) que é uma ilha de grande beleza do Pacífico Sul. Esses destinos, portanto, representam um imenso potencial, indo de encontro às políticas de preservação ecológica, proporcionando novas e ricas experiências (*Ibidem*, 1999: 19-24).

O turismo sustentável, por sua vez, é um segmento emergente do turismo que tem se destacado tanto no âmbito da oferta, através de investimentos por parte dos governos, como no da procura, por parte dos turistas, reflectindo, assim, o interesse das sociedades por questões ambientais, em diferentes níveis. O interesse pelo turismo sustentável coincide com a preocupação mundial em favor da preservação do ambiente, sem no entanto prescindir do atendimento à equação de equilíbrio entre a rendibilidade, a satisfação das necessidades do turista, enquanto consumidor, e da própria conservação do meio ambiente.

Tendo em vista a aproximação humana ao meio ambiente de inúmeras formas e com os mais variados objectivos, em nenhum outro momento da história se fez tão importante reflectir e discutir estas duas instâncias: turismo e ambiente natural (que incorpora também os aspectos culturais). O turismo depende da qualidade do ambiente natural, das pessoas e dos recursos, e sem a devida integração desses

factores interdependentes dificilmente haverá desenvolvimento sustentável.

A possibilidade de uma intensificação da relação do homem consigo mesmo e com o mundo na vivência do lazer, não aponta, necessária e essencialmente, para uma finalidade ou devir “positivo”, “desejável” ou mesmo correcto, segundo esta ou aquela visão do mundo ou corrente de pensamento. Pode indicar, todavia, pelo menos, a possibilidade de uma forma diferente de existência, num mundo de relações heterogéneas. Assim como apontar para um devir criativo, no qual o cuidado consigo mesmo e com o mundo seja uma constante, sobretudo sob a égide das intensidades. E porque não citar Ortega (1998) “pensar a intensidade, que é intempestiva, fugaz e provisória, é pensar o aberto, o acontecimento, esses momentos em que se interrompe a regularidade e a necessidade, ainda que por um instante”.

Notas

1. *Grand Tour* - começou na França onde o idioma nacional era estudado paralelamente com a dança, a esgrima, a equitação e o desenho. Jovens aristocratas, nomeadamente os estudantes, viajavam até a Itália para poder estudar escultura, apreciar música e a arte. Na volta, vinham pela Alemanha, Suíça, Países Baixos (Holanda, Bélgica e Luxemburgo). A *Grand Tour* atingiu o apogeu na década de 1750-1760 e terminou, repentinamente, durante a Revolução Francesa e as Guerras Napoleónicas.
2. Turismo de massa ou convencional – geralmente, o turismo de massa é considerado um termo bastante abrangente do turismo empreendido pela maioria dos viajantes.
3. Meio ambiente - o termo meio ambiente está associado, usualmente, à definição de ecologia. No entanto, o conceito de meio ambiente contempla o meio físico e o cultural.
4. Comunidade receptora ou local – é aquela que representa o conjunto particularmente constituído de relacionamentos sociais baseados em algo que os indivíduos possuem em comum – um senso comum de identidade.
5. *Resort* – um lugar frequentado por pessoas, normalmente turistas com a finalidade de passar férias.
6. Produto turístico – “ é constituído por um conjunto enorme de diferentes serviços, os quais, por sua vez possuem um grande número de fornecedores” (Ignarra, 2000: 100). Os serviços vão desde aquisição de equipamentos até serviços de viagem, serviços de animação, hospedagem, alimentação e demais serviços correlatos.
7. Desenvolvimento sustentável – é, segundo Szlak (2001: 228), definido pela *World Commission on Environment and Development*, em 1987, como “o desenvolvimento que satisfaz as necessidades do tempo presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazer suas próprias necessidade.”

Referências bibliográficas

- ANDRADE, José Vicente.** Turismo – Fundamentos e Dimensões. Editora Ática, São Paulo, 1998.
- ASHWORTH, G.** "Managing the Cultural Tourist", in Ashworth, G., Dietvorst, A. ., (ed.), *Tourism and Spacial Transformations – Implications for Policy and Planning*, Cab International, pp. 265-284, 1995.
- BARRETO, Margarita.** Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo. Papirus Editora, Campinas, São Paulo, 1995.
- BELLO, D. C. e ETZEL, M.J.** The Role of Novelty in the Pleasure Travel Experience. *Journal of Travel Research*, 24 (1), 20-26.
- BENI, Mário Carlos.** Análise Estrutural do Turismo. Editora Senac, São Paulo, 1998.
- CASTELLI, Geraldo.** Turismo Atividade Marcante do século XX. Eduni Sul Associação das Editoras Universitárias da Região Sul, (SP-Brasil), 1997.
- CRAIK, (1997)** "The Culture of Tourism", in Rojek C., Urry, J. *Touring Cultures: Transformations of Travel and Theory*, Routledge, pp.113-1136, 1997.

- CROMPTON, J. L.** Motivation for Pleasure Vacations, *Annals of Tourism Research*, 408-424, 1979.
- DANN, G.** Tourist Motivation: an appraisal, *Annals of Tourism Research*, 4, 184-194, 1981.
- DE MASI, Domenico.** O Ócio Criativo. Ed. Sextante, São Paulo, 2000.
- – – – – A-Economia do Ócio. Ed. Sextante, São Paulo, 2001.
- FERNADEZ, Fuster, Luis.** Historia general del Turismo de Massa. Alianza Editorial, Madrid, 1999.
- HALL, Eugene J.** The Language of Hotels in English. Prentice Hall Regents, 1977.
- HAULOT, Arthur.** Turismo Social. Editorial Trillas, 1991.
- IGNARRA, Luís Renato.** Fundamentos do Turismo. Editora Pioneira, São Paulo, 2000.
- KOTLER, Philip.** Marketing para o século XXI. Futura, São Paulo, 1999.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO:** Desenvolvimento de turismo sustentável: manual para organizações locais. Brasília, p. 217-231, 1997.
- MILL, Robert Christie e Morrion, Alastair M..** The Tourism System. Prentice-Hall International, Inc., 1992.
- MCINTOSH; Robert e Gupta, Shashikant.** Turismo Planeación, Administración y Perspectivas. Limusa Grupo Noriega Editores, Cidade do México, 1993.
- ORTEGA, F.** Amizade e Estética da Existência em Foucault. Graal, Rio de Janeiro, 1999.
- PEDROSA, “Igrejas e Turismo Cultural”, in IPPAR, Património Classificado, Actas dos Encontros promovidos pelo IPPAR e pela UCP, Universidade Católica Editora, 1ª Edição, pp. 299-311, 1997.**
- PELLETIER, s.r.** *Cahiers Espaces*, nº 110, Révue Trimestrielle, Éditions Touristiques, Paris, 1991.
- PYO, S., Mihalik, B.J. e Uysal, M.** Attraction attributes and motivations: a canonical correlation analysis, *Annals of Tourism Research*, 16(2), 277-282.
- RODRIGUES; Adyr Balastrieri.** Turismo e Espaço - Rumo a um conhecimento transdisciplinar. Ed. Hucitec, São Paulo, 1999.

RUSCHMANN, Doris van de M. O turismo rural e o desenvolvimento sustentável. In **RIELDL, Mário et al. (org.) Turismo rural e desenvolvimento sustentável. 2^a ed. Papirus, Campinas, São Paulo, 2000, p. 75-84.**

SANCHO, Amparo (org.) Introdução ao Turismo/**Organização Mundial do Turismo. São Paulo, Roca, 2001.**

ERRRANO; Célia, Bruhns, Heloísa T. e Luchiari, M. T. D. P. (orgs). Apresentação In: Olhares contemporâneos sobre o turismo. **Papirus, Campinas, São Paulo, 2000, p. 7-15.**

SZLAK, David (tr.). Ecoturismo - Impactos, Potencialidades e Possibilidades. **Ed. Manole Ltd., Barueri (SP-Brasil), 2001.**

Títulos publicados:

- 1 · **A agricultura nos distritos de Bragança e Vila Real**
Francisco José Terroso Cepeda – 1985
- 2 · **Política económica francesa**
Francisco José Terroso Cepeda – 1985
- 3 · **A educação e o ensino no 1º quartel do século XX**
José Rodrigues Monteiro e Maria Helena Lopes Fernandes – 1985
- 4 · **Trás-os-Montes nos finais do século XVIII: alguns aspectos económico-sociais**
José Manuel Amado Mendes – 1985
- 5 · **O pensamento económico de Lord Keynes**
Francisco José Terroso Cepeda – 1986
- 6 · **O conceito de educação na obra do Abade de Baçal**
José Rodrigues Monteiro – 1986
- 7 · **Temas diversos – economia e desenvolvimento regional**
Joaquim Lima Pereira – 1987
- 8 · **Estudo de melhoramento do prado de aveia**
Tjarda de Koe – 1988
- 9 · **Flora e vegetação da bacia superior do rio Sabor no Parque Natural de Montesinho**
Tjarda de Koe – 1988
- 10 · **Estudo do apuramento e enriquecimento de um pré-concentrado de estanho tungsténio**
Arnaldo Manuel da Silva Lopes dos Santos – 1988
- 11 · **Sondas de neutrões e de raios Gama**
Tomás d’Aquino Freitas Rosa de Figueiredo – 1988
- 12 · **A descontinuidade entre a escrita e a oralidade na aprendizagem**
Raul Iturra – 1989
- 13 · **Absorção química em borbulhadores gás-líquido**
João Alberto Sobrinho Teixeira – 1990

-
- 14 · **Financiamento do ensino superior no Brasil – reflexões sobre fontes alternativas de recursos**
Victor Meyer Jr. – 1991
- 15 · **Liberalidade régia em Portugal nos finais da idade média**
Vitor Fernando Silva Simões Alves – 1991
- 16 · **Educação e loucura**
José Manuel Rodrigues Alves – 1991
- 17 · **Emigrantes regressados e desenvolvimento no Nordeste Interior Português**
Francisco José Terroso Cepeda – 1991
- 18 · **Dispersão em escoamento gás-líquido**
João Alberto Sobrinho Teixeira – 1991
- 19 · **O regime térmico de um luvissole na Quinta de Santa Apolónia**
Tomás d’Aquino F. R. de Figueiredo - 1993
- 20 · **Conferências em nutrição animal**
Carlos Alberto Sequeira - 1993
- 21 · **Bref aperçu de l’histoire de France – des origines à la fin du II^e empire**
João Sérgio de Pina Carvalho Sousa – 1994
- 22 · **Preparação, realização e análise / avaliação do ensino em Educação Física no Primeiro Ciclo do Ensino Básico**
João do Nascimento Quina – 1994
- 23 · **A pragmática narrativa e o confronto de estéticas em *Contos de Eça de Queirós***
Henriqueta Maria de Almeida Gonçalves – 1994
- 24 · **“Jesus” de Miguel Torga: análise e proposta didáctica**
Maria da Assunção Fernandes Morais Monteiro – 1994
- 25 · **Caracterização e classificação etnológica dos ovinos churros portugueses**
Alfredo Jorge Costa Teixeira – 1994
- 26 · **Hidrogeologia de dois importantes aquíferos (Cova de Lua, Sabariz) do maciço polimetamórfico de Bragança**
Luís Filipe Pires Fernandes – 1996

-
- 27 · **Micorrização in vitro de plantas micropropagadas de castanheiro (*Castanea sativa* Mill)**
Anabela Martins – 1997
- 28 · **Emigração portuguesa: um fenómeno estrutural**
Francisco José Terroso Cepeda – 1995
- 29 · **Lameiros de Trás-os-Montes: perspectivas de futuro para estas pastagens de montanha**
Jaime Maldonado Pires; Pedro Aguiar Pinto; Nuno Tavares Moreira – 1994
- 30 · **A satisfação / insatisfação docente**
Francisco Cordeiro Alves – 1994
- 31 · **O subsistema pecuário de bovinicultura na área do Parque Natural de Montesinho**
Jaime Maldonado Pires; Nuno Tavares Moreira – 1995
- 32 · **A terra e a mudança – reprodução social e património fundiário na Terra Fria Transmontana**
Orlando Afonso Rodrigues – 1998
- 33 · **Desenvolvimento motor: indicadores bioculturais e somáticos do rendimento motor de crianças de 5/6 anos**
Vítor Pires Lopes – 1998
- 34 · **Estudo da influência do conhecimento prévio de alunos portugueses na compreensão de um texto em língua inglesa**
Francisco Mário da Rocha – 1998
- 35 · **La crise de Mai 68 en France**
João Sérgio de Pina Carvalho Sousa – 1999
- 36 · **Linguagem, psicanálise e educação: uma perspectiva à luz da teoria lacaniana**
José Manuel Rodrigues Alves
- 37 · **Contributos para um estudo das funções da tecnologia vídeo no ensino**
Francisco Cordeiro Alves – 1998
- 38 · **Sistemas agrários e melhoramento dos bovinos de raça Mirandesa**
Fernando Jorge Ruivo de Sousa – 1998

-
- 39 · **Enclaves de clima Cfs no Alto Portugal – a difusa transição entre a Ibéria Húmida e a Ibéria Seca**
Ário Lobo Azevedo; Dionísio Afonso Gonçalves; Rui
Manuel Almeida Machado – 1995
- 40 · **Desenvolvimento agrário na Terra Fria – condicionantes e perspectivas**
Duarte Rodrigues Pires – 1998
- 41 · **A construção do planalto transmontano – Baçal, uma aldeia do planalto**
Luísa Genésio – 1999
- 42 · **Antologia epistolográfica de autores dos sécs. XIX-XX**
Lurdes Cameirão – 1999
- 43 · **Teixeira de Pascoaes e o projecto cultural da “Renascença Portuguesa”**
Lurdes Cameirão – 2000
- 44 · **Descargas atmosféricas – sistemas de protecção**
Joaquim Tavares da Silva
- 45 · **Redes de terra – princípios de concepção e de realização**
Joaquim Tavares da Silva
- 46 · **O sistema tradicional de exploração de ovinos em Bragança**
Carlos Barbosa – 2000
- 47 · **Eficiência de utilização do azoto pelas plantas**
Manuel Ângelo Rodrigues, João Filipe Coutinho – 2000
- 48 · **Elementos de física e mecânica aplicada**
João Alberto Sobrinho Teixeira
- 49 · **A Escola Preparatória Portuguesa – Uma abordagem organizacional**
Henrique da Costa Ferreira – 2002
- 50 · **Agro-ecological characterization of N. E. Portugal with special reference to potato cropping**
T. C. Ferreira, M. K. V. Carr, D. A. Gonçalves – 1996
- 51 · **A participação dos professores na direcção da Escola Secundária, entre 1926 e 1986**
Henrique da Costa Ferreira – 2002

-
- 52 · A evolução da Escola Preparatória – o conceito e componentes curriculares**
Henrique da Costa Ferreira – 2003
- 53 · O Homem e a biodiversidade (ontem, hoje... amanhã)**
António Réffega – 1997
- 54 · Conservação, uso sustentável do solo e agricultura tropical**
António Réffega – 1997
- 55 · A teoria piagetiana da equilibração e as suas consequências educacionais**
Henrique da Costa Ferreira – 2003
- 56 · Resíduos com interesse agrícola - Evolução de parâmetros de compostagem**
Luís Manuel da Cunha Santos – 2001
- 57 · A dimensão preocupacional dos professores**
Francisco dos Anjos Cordeiro Alves – 2001
- 58 · Análise não-linear do comportamento termo-mecânico de componentes em aço sujeitas ao fogo**
Elza M. M. Fonseca e Paulo M. M. Vila Real – 2001
- 59 · Futebol - Referências sobre a orientação do jogo**
João do Nascimento Quina – 2001
- 60 · Processos de cozedura em cerâmica**
Helena Canotilho – 2004
- 61 · Labirintos da escrita, labirintos da natureza em “As Terras do Risco” de Agustina Bessa-Luís**
Helena Genésio – 2002
- 62 · A construção da escola inclusiva - um estudo sobre a escola em Bragança**
Maria Fernandes Ferreira – 2003
- 63 · Atlas das aves nidificantes da Serra da Nogueira**
Domingos Patacho
- 64 · Dialecto rionorês... contributo para o seu estudo**
Dina Macias – 2003

-
- 65 · O desenvolvimento vocabular na criança de quatro anos**
Dina Macias – 2002
- 66 · Barbela, um trigo escravo - a cultura tradicional de trigo na terra fria bragançana**
Ana Maria Carvalho
- 67 · A língua inglesa: uma referência na sociedade da globalização**
Eliane Cristine Raab Pires – 2002
- 68 · Etnobotânica das aldeias da Moimenta da Raia e Rio de Onor**
Ana Maria Carvalho e Ana Paula Rodrigues
- 69 · Caracterização Biofísica da técnica da Mariposa**
Tiago Barbosa – 2004
- 70 · As Inter-relações Turismo, Meio Ambiente e Cultura**
Eliane Cristine Raab Pires – 2004